

**ARQUEOLOGIA E AÇÃO POLÍTICA:
RESULTADOS DA INSTALAÇÃO VESTÍGIOS DE UMA AUSÊNCIA**

Mariana Costa de Moraes Fernandes¹

Luciana Paiva Coronei²

Beatriz Valladão Thiesen³

O capuz. Ele anunciava alguma coisa terrível, que eu não conseguia nem imaginar, mas que tornava irrisório todo o resto [...]. O cheiro: inesquecível cheiro de roupa suja misturado a um vago odor de pele queimada pelos fios desencapados.

Maria Pilla⁴

RESUMO

A partir das ideias do arqueólogo González Ruibal sobre a necessidade de criar formas alternativas de traduzir os restos do passado e as de Randall Mcguire sobre arqueologia e ação política, procuramos discutir o fazer arqueológico enquanto ação política e demonstrar que a materialidade tem o poder provocar sentimentos em relação aos acontecimentos do passado. Para isso, usamos como exemplo a *Instalação Vestígios de uma ausência: Uma arqueologia da Repressão*, pensada em 2014 pelos alunos da disciplina *Arqueologia do Capitalismo III*, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A Instalação teve como objetivo principal divulgar a repressão durante a Ditadura Militar brasileira por meio dos objetos e sem o uso de palavras. Através da leitura dos escritos deixados pelo público que visitou a Instalação, procuramos demonstrar a eficácia dessa forma alternativa de apresentar o conhecimento do passado.

Palavras-chave: ditaduras, repressão, arqueologia da supermodernidade, materialidade, memória.

¹ Bacharel em Arqueologia, com ênfase em arqueologia do capitalismo no Curso de Bacharelado em Arqueologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

² Doutora em Literatura brasileira e professora associada de literatura brasileira na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

³ Doutora em História, com ênfase em arqueologia e professora associada no Curso de Bacharelado em Arqueologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

⁴ Extraído do livro *Volto semana que vem (2015)* de Maria Pilla, jornalista e escritora brasileira que militou nas ditaduras brasileira e argentina. Em 1975 Maria Pilla foi presa e torturada pela Polícia Federal Argentina. Ao ser libertada no início de 1978 ainda viveu vinte e dois anos de exílio antes de poder voltar ao solo brasileiro. A publicação do romance está relacionada a um amplo esforço da sociedade brasileira no resgate da memória dos anos de chumbo, cujo acúmulo resultou na criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) em 2012.

ABSTRACT

Based on the ideas of archaeologist González Ruibal about the need to create alternative ways of translating the remains from the past and Randall McGuire's on archeology and political action, we seek to discuss archaeological doing as political action and show how materiality has the power to provoke feelings about past events. For this, we use as an example the Installation "*Vestígios de uma ausência: Uma arqueologia da Repressão*" thought in 2014 by students of the *Archeology of Capitalism III* discipline of the Federal University of Rio Grande - FURG. The Installation aims to spread repression during the Brazilian military dictatorship through objects and without the use of words. By reading the writings left by the public who visited the Installation, we seek to demonstrate the effectiveness of this alternative way of spreading knowledge of the past.

KEYWORDS: dictatorships, repression, archeology of supermodernity, materiality memory.

RÉSUMÉ

En partant des idées de González Ruibal sur le besoin de créer de différentes manières pour décrypter les vestiges du passé et des réflexions de Randall McGuire sur l'archéologie et l'action politique, nous avons l'intention de discuter la démarche archéologique en tant qu'action politique et à démontrer que la matérialité possède le pouvoir de nous éveiller aux événements passés. Pour ce faire, nous avons pris comme exemple l'*Instalação Vestígios de uma ausência: Uma arqueologia da Repressão*, conçue en 2014 par les étudiants de la discipline d'*Arqueologia do Capitalismo III*, menée à l'Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Cette installation a eu pour but de révéler la répression pendant la dictature militaire brésilienne par le moyen d'objets et sans l'utilisation de mots. Grâce à la lecture des écrits laissés par les visiteurs de l'*Instalação*, nous avons visé à mettre en évidence l'efficacité de cette façon de divulguer les événements du passé.

MOTS-CLÉS: dictatures, répression, archéologie de la surmodernité, matérialité, mémoire.

INTRODUÇÃO

A arqueologia do passado contemporâneo pode fornecer histórias alternativas sobre o passado recente em formas que manifestem presença e mantenham a memória viva. Isso implica em explorar outras formas de se envolver com a materialidade do mundo contemporâneo [...] (RUIBAL, 2008 p. 252)⁵

González Ruibal (2008) propõe que a arqueologia tem a capacidade não só de produzir narrativas alternativas sobre o passado recente, mas que tem formas alternativas de apresentar essas narrativas. Este artigo traz um exemplo dessa ideia na prática – a *Instalação Vestígios de Uma Ausência: Uma Arqueologia da Repressão*⁶ cujo objetivo

⁵ Os textos em língua estrangeira foram traduzidos. A responsabilidade pela tradução é nossa.

⁶ Criada em 2014, surgiu a partir de um trabalho proposto pela Prof.^a Dr.^a Beatriz Thiesen, no curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A turma reunida

principal era atingir as subjetividades daqueles que a visitaram, tornando cada visitante uma testemunha da repressão durante a Ditadura Militar– e os resultados obtidos com essa experiência através dos escritos deixados pelo público.

A Instalação – para cuja montagem foram utilizados recursos que vão desde a presença estratégica dos objetos em cada uma das suas salas, até a escolha dos sons e cheiros, todos direcionados a proporcionar uma experiência sensorial no público, – foi remontada sete vezes de 2014 até o momento. A primeira edição foi em fevereiro de 2014 no prédio do Diretório Central de Estudantes – DCE da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, a segunda, em abril do mesmo ano, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Rio Grande. Ainda em 2014, participamos do Congresso Internacional *1964-2014 – o cinquentenário do golpe que ceifou o processo democrático: história & memórias*, sediado no Centro Integrado de Desenvolvimento Costeiro e Oceânico – CIDEDEC/SUL.

Em 31 março de 2016, remontamos a Instalação no Centro de Convivência – CC da FURG, como uma ação para não deixar o “aniversário” do golpe de 64 passar em branco. Também em 2016, fizemos parte do *X Encontro da Sociedade de Arqueologia Brasileira – núcleo regional Sul – SAB-Sul* sediado na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, no qual a Instalação ficou aberta ao público na modalidade “simpósio” durante todos os dias de evento. Em 2019 fomos convidados pela Comissão da Verdade da Associação dos Professores e Professoras da FURG – APROFURG a remontar a Instalação em dois locais diferentes da Universidade, inserindo o debate sobre a ditadura nas comemorações do aniversário dos seus 50 anos.



Figura 1. Fotos da Instalação na edição do Diretório Central de Estudantes - DCE/FURG, 2014: a sala escura, ainda em processo de montagem, a sala dos rostos, um recorte do quarto da ausência e do mural de escritos.

Fotos: Júlio Toledo de Faria, 2014.

deveria apresentar um dos temas discutidos durante o semestre sem usar texto ou palavras. Era preciso de alguma forma, usar apenas a cultura material para apresentar o trabalho.

A experiência das montagens do DCE/FURG e da Prefeitura de Rio Grande foi publicada no artigo *Vestígios de uma ausência: uma arqueologia da repressão na Revista de Arqueologia Pública* (2014). Nele, trouxemos detalhadamente o processo criativo da Instalação, sua estrutura e cada um dos seus ambientes⁷. Neste artigo, trazemos um recorte dos resultados que obtivemos com as diferentes experiências de montar a Instalação⁸, a partir de uma discussão sobre o fazer arqueológico enquanto ação política e demonstrando a eficácia dessa forma alternativa de traduzir os restos do passado.

A metodologia que utilizamos foi a leitura dos registros deixados pelo público nos murais de escritos ao final da Instalação: um mural de papel pardo onde cada visitante foi convidado a deixar o seu vestígio, escrevendo sua impressão do trabalho. Tais escritos, que representam a resposta do público, foram entendidos como testemunhos do presente acerca da experiência que lhes foi apresentada e em relação aos acontecimentos do passado. O conceito de testemunho será desenvolvido na sequência do artigo.

ARQUEOLOGIA DA SUPERMODERNIDADE E AÇÃO POLÍTICA

Essa necessidade de dar um sentido ao presente, senão ao passado, é a contrapartida da superabundância de acontecimentos que corresponde a uma situação que poderíamos dizer de "sobremodernidade", a fim de darmos conta da sua modalidade essencial: o excesso. (AUGÉ, 1992/2005 p. 28-29)

⁷ A Instalação consistia em um circuito com 5 momentos diferentes: 1. *A entrada*, onde o participante recebe o nome de um desaparecido político; 2. *A sala escura*, uma sala coberta com lonas pretas representando um porão ou sala utilizada para as torturas, onde uma seleção de sons é reproduzida em vários cantos da sala: relatos de sobreviventes, o anúncio do Ato Institucional nº 5 na Voz do Brasil e trechos de jogos de futebol; 3. *A sala dos rostos*, uma sala clara e ampla, apenas com uma projeção de slides à frente, com as informações dos mortos e desaparecidos políticos como foto, nome, idade, profissão e o seu desfecho; 4. *O quarto da ausência*, um quarto comum que remete a um jovem militante do final da década de 1960 e começo da década de 1970. A disposição dos objetos – os discos sobre a cama junto ao violão, os chinelos ao lado da cama – tinha o objetivo de dar vida ao quarto, representando que até pouco tempo alguém esteve ali, ou, que ainda se espera que alguém retorne; 5. *O mural de escritos*, onde disponibilizamos canetões para que os visitantes deixassem nos murais de papel pardo uma impressão sobre o trabalho. Mais detalhes disponíveis em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635659>. Acessado em: 06/05/20.

⁸ Este texto é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso: *Arqueologia, ação política e a divulgação do Indizível: resultados da Instalação Vestígios de uma Ausência* apresentada por Mariana Fernandes (2019) como requisito para a obtenção do diploma no curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

O excesso de acontecimentos, de velocidade dos meios de transporte e comunicação, de temporalidades coexistindo em um mesmo espaço, produção, consumo e destruição definem o que Marc Augé chama de *surmodernité*.⁹ A Instalação *Vestígios* foi uma consequência da superabundância de acontecimentos da época. Vivíamos um tempo de mobilização – de luta por direitos. Greve por melhorias na educação¹⁰, aula na rua, paralisação, ocupação da reitoria, greve geral, manifestações: todos esses acontecimentos foram o pano de fundo dos nossos três primeiros anos de graduação.

Mesmo que as reivindicações daquele momento não tivessem nada em comum com as lutas dos militantes das décadas de 60 e 70, havia no ar uma urgência em rememorar tempos de censura, perseguição política e violação de direitos humanos. As mobilizações de junho de 2013¹¹ trouxeram à tona o fantasma da ditadura e, desde então, esse fantasma não deixou de rondar de forma insidiosa o cenário político nacional. Nesse contexto, a Instalação *Vestígios* foi pensada como uma ação contra o silenciamento da memória:

[...] essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes. (POLLAK, 1989 p. 4)

Em tempos de notícias falsas, discursos que exaltam torturadores e ameaças constantes à democracia, a Instalação tornou-se ainda mais urgente: para levantar as vozes daqueles que lutaram pela democracia e para sensibilizar outros quanto aos horrores do regime militar. É nesse contexto que se apresenta este artigo, que oferece uma análise da Instalação *Vestígios*, com vistas a reafirmar a importância da memória do passado dos anos de chumbo com vistas a não esquecê-lo e não repeti-lo.

⁹ No artigo original de Ruibal, em inglês, o autor faz a tradução do francês *surmodernité* para *supermodernity*, e justifica a sua escolha ao se referir ao período equivalente ao século 20 como *super* ao invés de *pós-moderno* uma vez que uma “arqueologia da supermodernidade explora a natureza material dos excessos e, especialmente, as devastadoras consequências globais do exagero supermoderno” (RUIBAL, 2008, p. 247). Apesar de a tradução oficial do texto de Marc Augé para o português ser *sobremodernidade*, decidimos manter o termo de acordo com a leitura que fizemos de Ruibal em 2014, acreditando que *super* exprime muito melhor o exagero e o excesso de que se fala.

¹⁰ Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/07/universidades-federais-entram-no-3-mes-de-greve-com-recorde-de-adesao.html>. Acessado em: 01/12/19.

¹¹ Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/17/album/1466199237_053831.html#foto_gal_1. Acessado em: 01/12/19.

EXPONDO OBJETOS E NARRATIVAS PARA ATINGIR AFETIVIDADES

Pegue os restos de uma emboscada do final dos anos 80 na estrada que leva da Etiópia ao Sudão através da região de Metekel. Nós não temos corpos lá. Mas nós temos quatro caminhões e uma arma antiaérea, todos perfurados por estilhaços [...]. Temos todas as evidências que nunca aparecerão na narrativa histórica usual, mas que ajudam a criar um forte senso de presença. (RUIBAL, 2008 p. 249)

Presença, para Ruibal, vem associada a uma necessidade de reconstituição. Mas não uma reconstituição com a pretensão de ser realista ou próxima do acontecimento original, principalmente levando em consideração o quão fragmentado e incompleto é o registro arqueológico. O importante é que os eventos de dor, violência e trauma ficam registrados nos objetos. A partir disso, utilizamos dos objetos como

[...] um recurso que nos permitisse atingir as subjetividades. Pretendemos que, ao alcançar as afetividades, provocássemos um sentido de pertencimento às memórias que reconstruíamos ali. Que, através de emoções provocadas, o indivíduo vivenciasse a experiência proposta e pudesse, assim, se considerar como parte de uma história da qual ele também é personagem. (THIESEN, et al., 2014 p.7)

Reconhecemos o conceito de *presença* como essa capacidade dos objetos de nos atingir, de forma que, ao estar presente em uma ação como a da Instalação *Vestígios*, pudéssemos nos conectar com a história que estava sendo contada. E que, a partir desse momento de encontro com o passado, essa história passasse a ser um pouco nossa também.

A arqueologia da repressão e da resistência, como estudo da materialidade do período relativo às ditaduras militares, tem permitido uma nova interpretação para o quadro social e político dominante entre as décadas de sessenta e setenta (ANJOS, 2012 p. 88). Trabalhos como do arqueólogo Rodriguez Suárez García – que possibilitou a localização dos restos de Che Guevara na Bolívia – ou de Patricia Fournier e José Martínez Herrera, que analisam o massacre da ‘Plaza de Las Tres Culturas’ ocorrido em 1968, que contribuíram com evidências para ajudar na localização dos mortos e desaparecidos do massacre, demonstram a força da metodologia arqueológica na busca por evidências que

reconstruam a memória do período e levem verdade às famílias dos desaparecidos (FUNARI, ZARANKIN, REIS, 2008 p.7).

Para quem se disponibilizou a ler as narrativas de sobreviventes da ditadura militar, ou assistir os inúmeros filmes e documentários produzidos no Brasil baseados nessas narrativas, é impossível não se sensibilizar com o horror da violência que essas pessoas sofreram. Ler e ouvir¹² as experiências narradas pelos sobreviventes nos provocam emoções que dificilmente serão apagadas da memória.

Reproduzir os sons, os cheiros, a escuridão do capuz: nesse caso, os recursos usados não precisaram de objetos para se fazer essa reconstituição. Mas foram recursos muito bem-sucedidos e a explicação é traduzida por José R. Pellini nos estudos de arqueologia sensorial:

Somos seres encorpados, sendo assim, nossa experiência do dia a dia é uma experiência sensorial. Captamos as informações do mundo através dos sentidos. Cores, texturas, aromas, paladares, a sensação de movimento, de calor, de peso, tudo nos é apresentado através dos sentidos. (PELLINI, 2015 p. 4)

Aqueles que participaram da Instalação tiveram a oportunidade de se envolver afetivamente com as histórias ali narradas. A experiência sensorial permitiu que o público pudesse se envolver de corpo inteiro e refletir profundamente com o tema apresentado para além de apenas ouvir a história sendo contada. Estar presente no interior de cada peça significou estar rodeado de uma materialidade representativa, não apenas do período histórico em si, mas de todo um conjunto de coisas e sensações que evocam afetividades ao se aproximarem dos sentimentos do período (o medo, a dor, a saudade e a luta).

Na literatura, o estudo do testemunho é, em resumo, o estudo da escrita do sobrevivente. Através dos testemunhos, se elabora uma perspectiva para a compreensão do passado a partir dos excluídos (GINZBURG, 2008 p.63). A narrativa testemunhal é diretamente ligada ao trauma e à violência. O testemunho tem a difícil tarefa de

¹² Utilizamos de narrativas de ex-presos políticos para pensar a estrutura da Instalação. Através de trabalhos como de Zarankin e Claudio Niro – sobrevivente do Centro Clandestino de Detenção “El Vesúbio” (ZARANKIN, NIRO, 2010 p. 22), – junto com filmes e documentários como: *Batismo de Sangue* (2007) baseado no livro de Frei Betto e dirigido por Helvécio Ratton, *O Que É Isso, Companheiro?* (1997) baseado no livro de Fernando Gabeira e dirigido por Luiz Carlos Barreto, e os documentários: *Utopia e Barbárie* (2009) do cineasta Silvio Tendler e *Cidadão Boilesen* (2009) de Chaim Litewski.

[...] transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. Sua "narrativa afirma que o inesquecível existe" mesmo se nós não podemos descrevê-lo. Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). (GAGNEBIN, 2006 p.47)

Em suma, a arqueologia da repressão e da resistência, quando se propõe a ouvir esses testemunhos e reproduzi-los através de ações como a que apresentamos, torna possível apresentar uma versão da história que conta com a voz não apenas daqueles que sobreviveram aos horrores da época, mas também a dor daqueles que ficaram e ainda aguardam por justiça ou alguma explicação do paradeiro dos seus entes queridos. Ampliando o conceito de testemunha:

[...] testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o bistor de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (Idem, p. 57)

Esperávamos com a Instalação *Vestígios* que aqueles que participassem dela, levassem consigo essa versão alternativa da história. Que deste modo, a arqueologia conseguisse atingir as subjetividades e, de alguma forma, fazer sentir tudo aquilo que é inenarrável. Que a partir desse momento fossem elas também testemunhas do terrorismo de Estado e que a luta pela memória verdade e justiça tivesse ganhado mais força.

A METÁFORA DA METODOLOGIA: ESCAVANDO IMPRESSÕES EM PAPEL PARDO

“Deixe aqui o seu vestígio” foi frase que usamos para convidar os visitantes da Instalação a nos deixar uma mensagem no mural de escritos. Para dar início à leitura dos escritos, foi necessário fazer a transcrição dos mesmos. Portanto, nessa pesquisa os rolos de papel pardo das cinco primeiras edições da Instalação foram o nosso sítio arqueológico.

Partindo do termo usado no nosso convite, cada escrito do mural foi considerado um vestígio deixado pelas testemunhas da Instalação.

No total, foram transcritos quinhentos e vinte e oito vestígios, organizados em tabelas de acordo com a data para que soubéssemos a qual edição cada um pertencia. A partir dessas tabelas, foi possível observar particularidades de algumas edições e separar os vestígios que gritavam sentimentos, seja de tristeza, espanto, ou horror, como exemplos do choque provocado pela associação da materialidade e os recursos sensoriais de áudio, vídeo, luz, fotografias e cheiros.

OLHARES SOBRE O PASSADO: A LEITURA DOS VESTÍGIOS

A arqueologia, quando usa os seus objetos como uma forma de expressão, consegue evocar nas pessoas um sentimento de presença, apreensão sensorial e proximidade com o tema apresentado. A leitura dos vestígios teve, portanto, o objetivo de avaliar o impacto causado no público. Os vestígios deixados no mural representam o resultado final da Instalação: é através deles que avaliamos de que modo a instalação atingiu o público, se alcançamos os nossos objetivos e como os visitantes se tornaram também testemunhas da repressão durante a Ditadura Militar.

RELEMBRAR É SENTIR, RESISTIR E LUTAR¹³

Horror, tristeza, revolta, choque, dor, agonia, angústia e principalmente, medo. Foram os principais sentimentos relatados nos escritos. Foram descritas sensações físicas, como

¹³ Aqui cabe fazer uma observação sobre a origem paradoxal deste artigo. Afinal, estamos transformando em texto um trabalho que tinha como primeiro objetivo desenvolver uma forma de traduzir os restos do passado sem usar palavras. A rigidez do formato acadêmico não dá muito espaço – ou alternativa – para que se crie trabalhos em formatos não textuais e mais criativos. Nesse sentido, não foi em vão o formato escolhido para as fotografias. Em qualquer pesquisa é possível ilustrar no texto o objeto que se estuda através das fotos. Aqui, tentamos fazer a maior aproximação possível com o objeto, editando as fotos para que o leitor tenha a sensação de estar com fragmentos do mural de escritos nas mãos. As imagens são fotografias de alguns dos escritos dos murais e servem como ilustração das falas citadas no texto. As figuras 3 e 4 possuem escritos recortados e misturados das 5 primeiras edições da Instalação (início de 2014 até final de 2016) e por isso não tem referência do ano na legenda.

“aperto no peito”¹⁴, “dor pelos que sofreram”, “terror” e “dor de estômago” pelas cenas de tortura. O tempo que se deveria ficar em cada sala não era estipulado por nós, a maioria passava rápido pela sala escura e demorava-se mais no quarto. Mais de uma vez vimos alguém sentado no chão da sala escura ou na cama folheando algum dos livros.

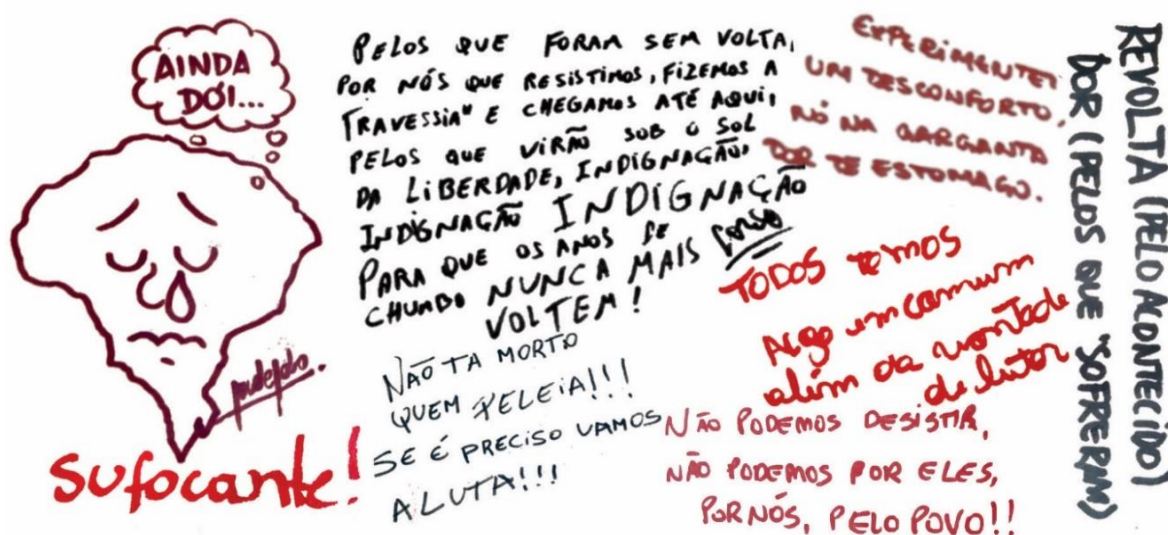


Figura 2. Recorte de escritos do mural que revelam alguns dos sentimentos do público.
Fotos: Mariana Fernandes, edição de Paula Almeida e João Minasi, 2019

Luta e resistência são palavras recorrentes. Lutar para que não se repita, para que nunca se esqueça. Luta por “liberdade”, “justiça”, “solidariedade”, “direitos” ... São mensagens que lembram “que ainda estamos lutando por essas causas”, e que é preciso “resistir sempre”, “quebrar o silêncio”. Trazer à tona a memória da ditadura para uma parcela do nosso público é também uma forma de luta e resistência, “para que jamais se esqueça, para que nunca mais aconteça”, “para evitar que outros sofram o mesmo”.

Tivemos mensagens de solidariedade aos militantes desaparecidos e a seus familiares. Na figura 3 vemos que alguns dos nomes recebidos na entrada da Instalação foram citados nos murais. As testemunhas da Instalação deixaram mensagem de reconhecimento de que os militantes foram “os grandes heróis da nossa história”, “heróis humanos... que lutaram pela democracia” em que vivemos hoje. Muitos são os pedidos para que não se deixe cair no esquecimento a vida e as lutas desses homens e mulheres e que as violações cometidas a eles nunca mais se repitam.

¹⁴ A afirmações feitas nesse texto são uma composição feita a partir dos escritos deixados pelas testemunhas. Todas as frases e expressões entre aspas são oriundas dos murais: como se pegássemos parte das 528 frases soltas nos papéis pardos e as transformássemos em texto.

Enquanto transcrevíamos os vestígios, nos chamaram à atenção os vários pedidos de “liberdade”. Foram vinte e uma menções da palavra liberdade, o que, em relação ao total, não é tão significativo, mas ficamos intrigadas em entender que liberdade seria essa. Liberdade veio junto com justiça, luta, indignação e “ditadura nunca mais”. A liberdade, que se grita nos murais da Instalação, foi a liberdade de expressão e pensamento. Entendemos o sentido da palavra *liberdade* também como a liberdade do explorado, denunciando que as injustiças não ficaram no passado, que entre nós existe “o sorriso cego e explorado de quem acha que é livre”. Para os visitantes da Instalação, é preciso comemorar a liberdade que conquistamos com o final da ditadura, sem jamais esquecer as injustiças que ainda vivemos e as lutas que estão por vir.

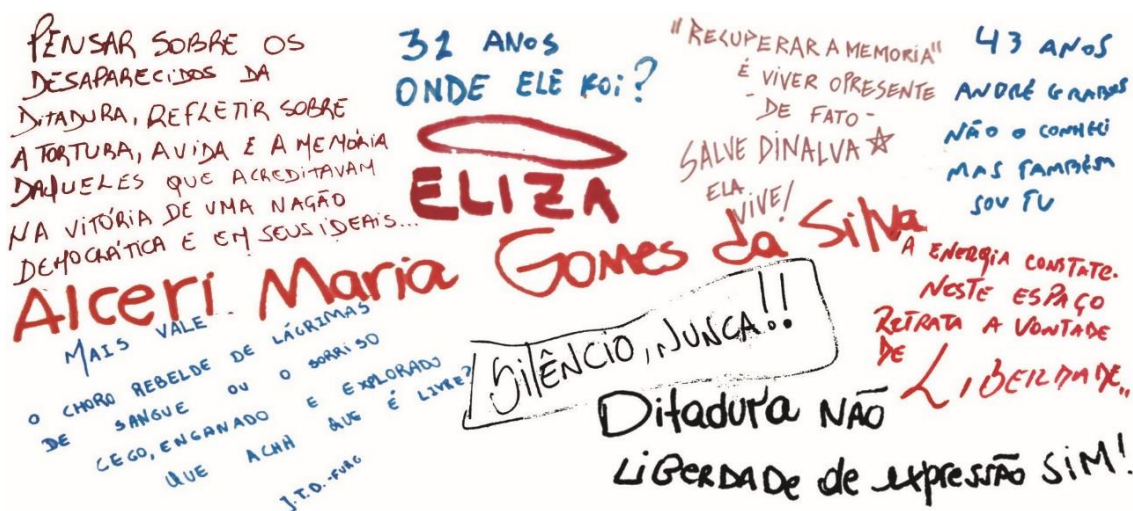


Figura 3. Recorte de escritos do mural que enfatizam a preocupação com os desaparecidos políticos e diversos pedidos por liberdade.

Fotos: Mariana Fernandes, edição de Paula Almeida e João Minasi, 2019.

Poucas pessoas nos perguntaram se era necessário se identificar ao deixar o seu vestígio, e quando o faziam sempre dissemos que não havia necessidade, nada era obrigatório. Ao todo, cento e vinte três pessoas deixaram suas assinaturas nos murais. Não apenas posicionando-se politicamente contra ou a favor da ditadura, mas deixando seu nome e sobrenome, registrando a sua posição nesse momento da história sem medo de repressão. O que é apenas possível em tempos de liberdade de expressão, em contraposição à história que está sendo contada.

Além das assinaturas, outra forma de deixar nos murais um pedacinho de si foram os contornos das mãos, que apareceram nos murais de todas as montagens da Instalação. Se

o pedido feito a todos era “Deixe aqui o seu vestígio” e, em geral, uma instrução para que nos deixassem ali registrado um sentimento, nos perguntamos o que levou essas pessoas a deixarem suas mãos contornadas.

O desenho do contorno das mãos permeia toda a história da humanidade e está presente nas pinturas rupestres mais antigas e em diversos lugares do mundo. Elas representam antes de tudo, a presença da humanidade nesses lugares. Nos murais da Instalação, as mãos e todos os vestígios deixados representam todos aqueles que estiveram presentes e que testemunharam a história.



Figura 4. Fotos da edição da Prefeitura, 2014. A foto mostra o momento em que pai e filho deixam seu testemunho e ao lado, o resultado: um compromisso de manter viva a história, geração após geração.

Foto: Célia Maria Pereira, 2014. Edição por de Paula Almeida e João Minasi, 2019

PARTICULARIDADES DE ALGUMAS EDIÇÕES

Um dos nossos objetivos ao olhar de perto os vestígios dos murais era observar se haveria alguma diferença entre os discursos deixados pelas testemunhas da Instalação em cada uma das edições. As diferenças foram pouco significativas. No geral, a grande maioria dos vestígios pede/fala as mesmas coisas: a importância de manter viva a memória da ditadura, de continuar lutando pela democracia, o medo pela volta dos anos de chumbo. Porém, é possível ver em alguns vestígios discursos que denunciam as mudanças no cenário político brasileiro nesse intervalo de três anos entre a primeira e a última edição.

Principalmente na edição de 2016 no Centro de Convivência da FURG, que foi exibida às vésperas do golpe que geraria o processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, e junto com ele a guinada política que o país daria em seguida, na campanha

presidencial de Jair Bolsonaro. Esta edição caracterizou-se pelos discursos de ódio e violência. Fatos que ficaram registrados no mural de escritos com mensagens “Fora Dilma” ou “Bolsonaro 2018” acompanhadas de insultos e palavrões. A presença da Instalação do Centro de Convivência trouxe à tona a disputa entre a esquerda e a direita conservadora, entre amor e ódio, respeito e violência.

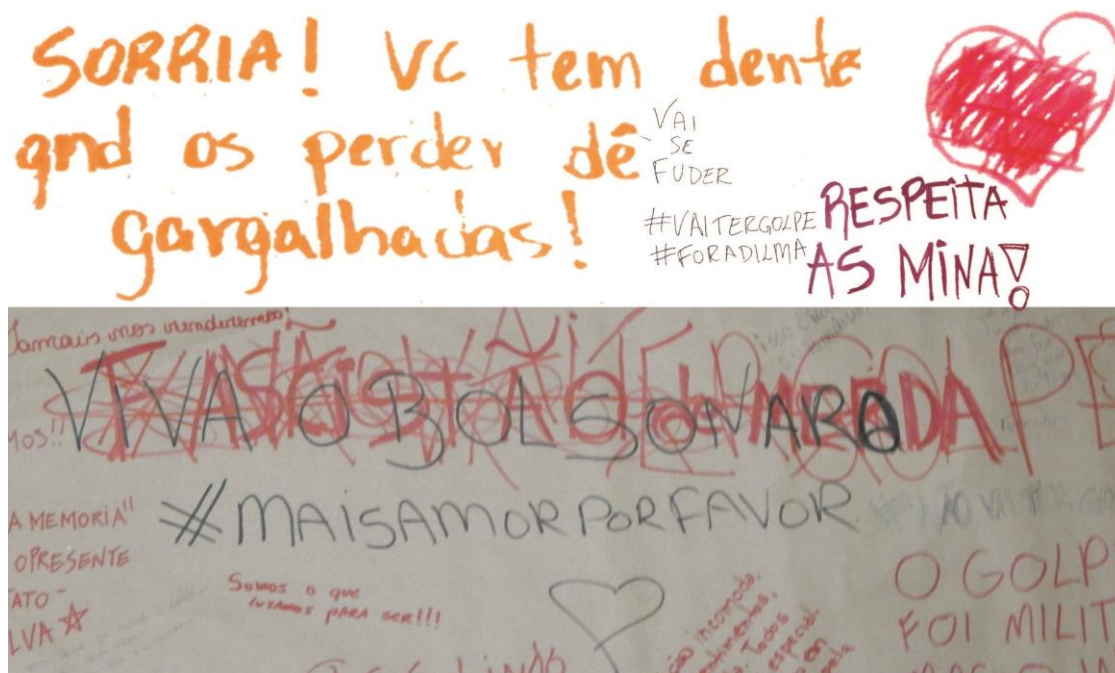


Figura 5. Fotos dos escritos do mural do CC, 2016. Na imagem fica difícil saber se o pedido por “mais amor por favor” veio acompanhado pelo “Viva Bolsonaro” ou se foi posterior, tentando acalmar a confusão. “Viva Bolsonaro” foi censurado pelo menos duas vezes: “Fascistão de merda” e “Não vai ter Golpe”. Acima lê-se em caneta esferográfica: “Isso é ironia ou ignorância?”.

Fotos: Mariana Fernandes, edição de Paula Almeida e João Minasi, 2019

Na edição do X Encontro da Sociedade de Arqueologia Brasileira – núcleo regional sul – SAB-Sul, a Instalação foi, em geral, bem recebida pelos nossos colegas da arqueologia. O que ela trouxe de diferente das outras veio com os vestígios de “Fora Temer” e a incredulidade de “viver novamente um Golpe de Estado”.

A principal característica dessa edição – e que precisa ser mencionada – não está presente nos escritos do mural, mas pôde ser observada por todos que ajudaram na organização dessa edição: em nenhuma outra tivemos tanto problema em lidar com a pressa do público. Nossos colegas de profissão estavam muito ocupados durante o X Encontro da SAB – SUL. Foi a edição em que mais ouvimos: “vim dar uma olhada

rapidinho”, “demora muito?”, “estou com o carro mal estacionado”. A Instalação leva em torno de dois a três dias apenas para ser montada. Sem contar todo o tempo que levamos fazendo o vídeo, os áudios, apresentação de *slides*, lista de nomes, cartazes, fanzines etc. Cada detalhe foi pensado para proporcionar uma experiência sensorial individual.

Outro fator importante foi que a Instalação *Vestígios* não se encaixava em nenhuma das modalidades de apresentação disponíveis para inscrição no congresso. Nos inscrevemos como simpósio e foi necessário apresentar a Instalação oralmente na mesa, no horário marcado para a apresentação, mesmo a Instalação estando aberta ao público durante todo o evento desde o primeiro dia. O prédio em que acontecia o congresso não tinha um espaço com a estrutura necessária para a montagem da Instalação e foi preciso montá-la em outro prédio.

Muitos dos nossos colegas não entenderam o que estava acontecendo e era preciso reiterar o convite para a visita constantemente. A falta de opções para inscrição de trabalhos museológicos, audiovisuais ou artísticos, junto com a resistência dos nossos colegas em entender e visitar a Instalação, demonstra o quanto a arqueologia brasileira ainda é conservadora.

A pressa e a resistência dos visitantes nos mostraram que a proposta que apresentamos não pôde ser totalmente absorvida por aqueles que passaram por ela correndo. A escuridão e os áudios dessincronizados da sala escura, a procura por um nome em uma lista de rostos.... Tudo foi pensado para que fosse preciso estar presente, parar e prestar atenção. O que vai contra a velocidade em que vivemos nesses tempos supermodernos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito semelhante à Instalação *Vestígios*, foi apresentada em São Paulo a exposição *Meta-Arquivo: 1964-1985 – Espaço de Escuta e Leitura de Histórias da Ditadura* com curadoria da pesquisadora e professora Ana Pato, Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo – FAUSP em parceria com o Memorial da Resistência de São Paulo. Com notícias e fotos penduradas à altura dos olhos do visitante, ilustrações

criadas por indígenas sobre o genocídio do povo Waimiri-Atroari, acesso a áudios em que são reproduzidos testemunhos de ex-presos e perseguidos políticos, entre outras obras que utilizam da linguagem artística para fazer ver, testemunhar e lembrar a história¹⁵. O trabalho de Ana Pato, assim como a Instalação *Vestígios*, prova de que é possível pensar em maneiras criativas de apresentar os trabalhos científicos.

“É impossível de descrever. Ninguém pode recriar o que aconteceu aqui. Impossível! Ninguém consegue entender isso. Mesmo eu, aqui, agora.”¹⁶ São as palavras de Szymon Srebrnik, sobrevivente do holocausto, ao retornar ao campo de extermínio nazista de Chelmno para o documentário *Shoah* (1985) de Claude Lanzmann. Srebrnik consegue descrever onde estavam os dois enormes fornos onde se queimavam pessoas, consegue descrever o fogo que alcançava os céus. Mas as palavras para descrever o horror vivido naquele lugar lhe faltam. A fala citada em nada tem a ver com o período histórico que esse trabalho trata, porém, é difícil pensar em outra fala que retrate tão bem o significado do sofrimento inenarrável, do que as palavras – e o olhar – de Szymon Srebrnik.

Tentamos com a Instalação *Vestígios* usar as coisas, os objetos aos quais nós, arqueólogos, temos o poder e a responsabilidade de dar lugar e sentido, para transmitir o inenarrável. Provocar as subjetividades, instigar a consciência. Convocar presença: do passado no presente. E não menos importante: provocar indignação e, com isso, despertar as pessoas para as lutas que ainda precisamos enfrentar. Os vestígios do mural não deixaram dúvidas de que conseguimos alcançar esses objetivos:

Pesquisadores não podem resolver o dilema da política e da arqueologia invocando uma visão estéril da arqueologia como ciência ou política. Duas décadas de debate nos mostraram que a arqueologia é ciência e política. A questão produtiva não é “como fazemos arqueologia, um ou outro?” Mas, em vez disso: como arqueólogos ligam a ciência e a política em sua prática? (MCGUIRE, 2008 p. 36)

A Instalação *Vestígios* veio como uma resposta a diversos questionamentos apresentados por Ruibal. Dessa forma, ela não foi mais uma narrativa sobre a ditadura militar – não trouxe nenhum fato novo, não foi uma descoberta de algum cemitério

¹⁵ Fonte: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2019/10/exposicao-meta-arquivo-para-ver-testemunhar-e-lembrar>. Acessado em: 06/05/20.

¹⁶ Trecho do documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZN0J2GWUWIM>. Acessado em: 10/11/19.

clandestino ou de alguma estrutura importante – mas uma ação política de divulgação da memória violenta da ditadura militar:

[...] arqueologia é sobre memória e presença. Convocar presença é talvez o ato político mais forte que uma arqueologia da supermodernidade pode fazer. [...] Arqueologia deve tornar as coisas visíveis e públicas. (RUIBAL, 2008 p. 260)

Respondendo à pergunta de Randall H. McGuire, acreditamos que ações práticas de divulgação do conhecimento arqueológico da supermodernidade são uma das formas de ligar ciência e política na sua prática. Mostrando o alcance da Instalação *Vestígios* – que parte de todo um conhecimento já produzido pela arqueologia e pela história – propusemos um tipo de ação que se acrescentasse às lutas contemporâneas, usando dessas narrativas como forma de manifestação: de resistência. Que possamos mostrar a versão da ditadura militar contada pelos que foram presos e torturados por lutarem pela democracia e, quem sabe, conseguir realizar uma função terapêutica e política (RUIBAL, 2008 p. 262).

Se, segundo Jeanne Marie Gagnebin (2006), a narrativa afirma que o inesquecível existe, ações como a Instalação *Vestígios* conseguem aliar a história e as coisas com recursos artísticos e sensoriais capazes de atingir as subjetividades, provocando um sentimento de pertencimento às memórias e tornando aquele que ouve mais uma testemunha da história. Fazendo a história visível e pública, agindo contra o esquecimento do passado e ganhando aliados para que o horror não se repita. Tarefa política ainda mais importante em tempos de ressurgência da censura, opressão e violência. A arqueologia da repressão que a Instalação *Vestígios* propõe é, além de tudo, um afronte a uma mentalidade atual que ameaça constantemente a democracia permitindo que se faça apologia aos instrumentos da ditadura.

Tem sido muito difícil acompanhar a velocidade dos acontecimentos. Durante todo o período desde o início da pesquisa que originou esse texto até o seu término, vimos nosso passado incendiar com Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Ministério da Cultura virar secretaria, a ditadura militar ser comemorada, o Ministério da Educação justificar corte de verbas para as Universidades com a justificativa de “balbúrdia”.

O contingenciamento nas verbas das Universidades desempregou funcionários terceirizados, bolsas de pesquisa científica foram cortadas. Bandeiras antifascismo foram

censuradas. Manifestantes pedem pela volta do Ato Institucional nº 5 e recebem cumprimentos do Presidente da República em meio à maior crise de saúde da história.

Uma superabundância de acontecimentos que é possível sentir na carne, na exaustão do dia-a-dia, na dificuldade de colocar em linha temporal. Ver nosso passado em chamas, viver a dificuldade de realizar nossas pesquisas acadêmicas e assistir o descumprimento das leis que asseguram a salvaguarda do patrimônio arqueológico: tudo isso deixa ainda mais claro que arqueologia é, antes de tudo, ação política. Temos a responsabilidade de proteger a memória, e hoje, mais do que nunca, a divulgação da história é uma arma em defesa do Estado democrático de direito.



Figura 6. Escrito do Mural do DCE/FURG, 2014.
Foto e edição: Mariana Fernandes, 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Giulia C. A arqueologia da repressão no contexto das ditaduras militares da Argentina, Uruguay e Brasil. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, SP, n. 5, 2012.
- AUGÉ, Marc. **Introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. Tradução de Miguel Serras Pereira. 90 Graus editora, Lisboa, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo A.; ZARANKIN, Andrés; Reis, José Alberioni (orgs). **Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na Era das Ditaduras (Década de 1960-1980)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 61-66, 2008.
- Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Vol. 9, nº 1, p. 34-53, 2015.
- MCGUIRE, Randall H. **Archaeology as political action**. University of California Press, Ltd. London, England, 2008.
- PELLINI, José R. Arqueologia com Sentidos. Uma Introdução à Arqueologia Sensorial. **Revista de arqueologia Pública**, Campinas, SP. Vol. 9, n. 4, p. 1-12, 2015.

PILLA, Maria. **Volto semana que vem**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

RUIBAL, Alfredo G. Time to destroy. An archaeology of supermodernity. **Current Anthropology**, n. 49(2), p. 247-279, 2008.

THIESEN, et al. Vestígios de uma Ausência: Uma Arqueologia da Repressão, **Revista de Arqueologia Pública**, n. 10, p. 1-20, 2014.

ZARANKIN, Andrés; NIRO, Claudio. A materialização do sadismo: arqueologia dos centros clandestinos de detenção da ditadura militar argentina (1976-1983). **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 6, p. 17-32, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente aos quatorze colegas da turma de arqueologia que ajudaram na criação da Instalação Vestígios: Célia Maria Pereira, Eduarda Ripell, Bruno Pons, Creise Vieira, Eberson M. do Couto, Fabrício Bernardes, Gabriel Rodriguez, Iara Laura Fernandes, Ingrid G. Cornaquini, Ingrid Santana, Júlio T. de Faria, Luciana Soder, Luciano Pinheiro e Rafael L. da Silva. E um agradecimento especial à Professora Gabriela Jardim da Silva, que gentilmente nos presenteou com a tradução do resumo para o francês.

Recebido em: 04/04/2020

Publicado em: 30/06/2020